ÉTICA NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

AULA 2

Prof. Ivan Luiz Monteiro

CONVERSA INICIAL

A partir desta rota de aprendizagem, vamos analisar juntos o que torna possível nos acercarmos de valores para afirmação ou contraposição das acepções que se julgam éticas. Por esse motivo, “lançaremos a rede” na intenção de aprofundar os diversos conceitos éticos que nos permitem questionar a nossa base moral levando-se em conta o modo pelo qual decidimos realizar uma ação.

CONTEXTUALIZANDO

No que se remete às ações humanas, você certamente percebe que elas são fruto de um processo, uma série de etapas nas quais diversos elementos estão envolvidos. No processo de agir, primeiro uma situação nos é apresentada. Por sua vez, ela desencadeia uma reflexão (mais elaborada ou menos elaborada). Como efeito, refletimos sobre os elementos e as opções que compõem a situação que demanda ação e, por fim, optamos ou decidimos realizar determinada ação com base no melhor julgamento que alcançamos no momento de agir.

Você já vivenciou inúmeras situações em que teve que optar por uma decisão imediata, que terminaram por incorrer em ações simples, isto é, ações nas quais julgou ser necessário agir com vista a um objetivo momentâneo. Em outras situações, foram necessárias ações complexas, nas quais você teve a chance de refletir por um período maior sobre qual decisão tomar.

Seja qual for o caso, você adotou certeza relativa para afirmar que a decisão tomada foi a melhor possível. Contudo, como admitimos ou aceitamos que a ação tomada foi a melhor para o momento ou situação que se apresentou? Podemos refazer, ao menos mentalmente, as etapas que envolveram nosso processo decisório? Você deve admitir que sim! Sendo assim, então, na retomada de nossas decisões e ações, refletimos eticamente sobre nossas interações com os demais humanos.

TEMA 1 – O PAPEL DAS PAIXÕES NO PROCESSO ÉTICO

Segundo o estoicismo[1], a melhor ação possível ao homem decorre de decisões em que ele, ao adotá-las, tomou cuidado de não se deixar contaminar por nenhum tipo de sentimento. As paixões, para o antigo estoicismo (séc. III a. C. – séc. I), devem ser eliminadas de qualquer processo racional decisório, pois do contrário a ação que surgisse de um processo que se baseou na emoção seria uma ação viciada, não possuiria a virtude (a excelência) que no ser humano apresenta-se a partir da qualidade da racionalidade.

Podemos compreender a partir disso que, para atingir a excelência nas ações racionais, segundo o ideal estoico de homem sábio, o indivíduo deve atingir o estado de **apatia** (indiferença) com a situação que se lhe apresenta. Isto lhe permite alcançar a **ataraxia** (imperturbabilidade da alma[2]), estágio no qual as consequências advindas da ação tomada não deveriam tirar a tranquilidade de quem age.

Ora, mas a indiferença ou o ser indiferente não é o mesmo que não se importar com a situação, isto é, preocupar-se se tal coisa vai bem ou anda mal? Não, a indiferença aqui diz respeito a retidão no agir independentemente do ânimo (bom ou mal) que o indivíduo detém. Com efeito, por ser um ser racional, minha vontade é comandada a agir segundo minha razão, sem me deixar abater por uma tristeza e/ou sem me extasiar por uma alegria. A retidão de minhas ações independe do estado de ânimo em que me encontro. Ser indiferente ao elogio ou à ofensa significa não se deixar levar pela emoção na hora de agir corretamente.

Todavia, temos que ter em mente que a eliminação das paixões no processo do agir, segundo os estoicos, é parte de uma formação que demanda tempo e empenho.

Em franca oposição aos estoicos, o pensador Benedictus Spinoza[3] (1632-1677) defende que todas as nossas ações decorrem das decisões que tomamos com base em nossas emoções, ou seja, seriam as nossas paixões o fundamento de nossa decisão em agir.

---

[1] Cf. GAZOLLA, R. **O ofício do filósofo estoico**. São Paulo: Loyola, 1999.
[2] Aquilo que os pensadores antigos entendiam a partir do conceito de “alma” (*psiquè*), corresponde ao que hoje se toma por “mente” sem acarretar nenhum prejuízo semântico.
[3] SPINOZA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Desse modo, junto a esse pensador, compreendemos que há em nós uma força vital (*conatus*) que está diretamente relacionada à nossa vontade de viver e afirmar nossa existência no mundo. Com efeito, sempre que nossa força vital é abastecida ou "está em alta", isso deve-se ao fato de proporcionarmos a nós mesmos a vivência de paixões alegres (emoções tais como, amor, gratidão, generosidade etc.). De outro modo, quando proporcionamos a nós paixões tristes (ódio, ressentimento, inveja etc.), acabamos por enfraquecer aquela nossa força vital. Ora, mas qual é o papel da razão nisso tudo?

Em busca de conservar nossa força vital, entendemos que nossa razão detém a tarefa de nos auxiliar a escolher entre uma paixão alegre ou uma paixão triste. A decisão sobre isso aparentemente seria fácil, a saber, deveríamos sempre escolher uma paixão alegre, conservando ou ampliando por meio dela aquela nossa vontade de afirmar a vida que pulsa em nós. Todavia, no jogo das paixões (emoções), a razão muitas vezes é lançada ao chão, e resgatá-la não é uma empresa fácil.

Diante disso, surge a importância preventiva de sempre buscarmos nos cercar das paixões alegres. Isso porque Spinoza (Spinoza, 2010, p. 275) não nos deixa duvidar de que estas paixões são mais dinâmicas e mais consistentes na maneira ativa de agirmos, possibilitando assim uma ação afirmativa e virtuosa, enquanto as paixões tristes decorrem de uma fraqueza do agir, produzem uma ação débil e viciosa. Com a razão, alcançamos o poder de autodeterminação que nos conduz a entendermos que: somente uma paixão mais forte pode superar outra paixão (Spinoza, 2010, p. 275).

TEMA 2 – EMOÇÃO E IDENTIDADE DE GÊNEROS

Em nossa sociedade, os valores advindos dos costumes, por muitas vezes, não são questionados. Com efeito, isso nos faz assumir preconcepções morais, que em tantas dessas vezes carecem de sentido lógico ou racional. Vimos que, ao admitir a participação de nossas emoções no processo de decisão que permite agirmos – o que certamente não é tarefa fácil de perceber –, nossas ações assumem um caráter mais complexo, por conseguinte nosso modo de julgar também é afetado.

Mediante essa reflexão, surgem-nos os seguintes questionamentos: para além de uma abordagem psicológica, ou seja, aquém do uso lógico da razão, seria possível falarmos em 1. tipos humanos que agem com maior participação

das emoções imiscuídas em suas decisões? 2. Existem sujeitos mais emotivos e outros mais racionais? 3. Pode-se estabelecer entre os gêneros feminino e masculino a sensibilidade emotiva como principal característica dos indivíduos?

Para a filósofa francesa Simone de Beauvoir[4] (1908-1986), existe sim uma distinção entre o que seria o "mundo dos homens" (o masculino) e o "mundo das mulheres" (o feminino). Contudo, tal diferença repousa na negação, ou seja, em tudo o que caracteriza a mulher como negatividade diante dos homens. Com efeito, esse posicionamento é marcado, tão somente, pelas preconcepções morais de sociedades patriarcais. Ora, para além de qualquer distinção fisiológica não faz sentido em falar – nos termos aqui citados – de mundo que não seja o mundo humano: constituído por homens e mulheres. (Beauvoir, 1970, p. 14).

Diante disso, para nossa primeira indagação, poderíamos admitir sem sombra de dúvidas que há sujeitos que agem com base em decisões imbuídas de emoção e compreendemos que decisões deste tipo são complexas e não alcançamos em muitas delas os efeitos imediatos que podem causar. Contudo, qualquer ser humano pode acatar os seus valores sentimentais no momento de uma decisão, bem como podem também pautar-se na simples análise dos fatos e decidir agir mediante o juízo factual que seu conhecimento lhe permite.

Prosseguindo na reflexão de nossas questões, também podemos constatar, em nosso convívio diário, que muitos daqueles que nos cercam tomam suas decisões de pequena, de média ou de grande importância com base em seus sentimentos ou seu estado de ânimo. Assim, não nos deveria causar estranheza a constatação de que a maior parte das pessoas busca satisfazer ou solucionar seus desejos da forma mais imediata possível, para obter (ou manter) o estado de ânimo mais elevado e prazeroso tangível para o momento.

No entanto, ao que se remete à nossa última pergunta, se as emoções costumam figurar em nossas decisões, se a frequência delas em certos indivíduos é maior que em outros, de nenhuma forma lógica é possível afirmar que a sensibilidade emotiva no processo de decisão diz respeito exclusiva ou majoritariamente às mulheres. Dizer que o gênero feminino é mais emotivo do que o masculino só nos é permitido ao continuarmos adotando as

[4] BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

preconcepções morais que alimentam nossa sociedade, que, embora jamais gostemos de admitir, é sectária.

Há uma identidade feminina, mas certamente não é aquela que os homens buscaram e permanecem afirmando. Pois, como já dissemos, a valoração identitária relegada à mulher até o presente momento foi sempre a de oposição ao homem – marcando aquela de forma negativa ou pejorativa. Por exemplo, a tão famosa expressão pueril “homem não chora!”, buscando afirmar que o valor da masculinidade não é não sofrer dor, mas não a demonstrar ou superá-la sem demonstração de emoção, pois esta última seria uma característica exemplar do feminino.

Nada é mais desprovido de sentido lógico, nos dias atuais (se é que teve alguma força racional outrora que conferisse sentido a isso), do que querer afirmar por oposição que há, para além dos aspectos fisiológicos, uma distinção de fato entre o feminino e o masculino. A emoção que é característica humana por excelência – conjuntamente a razão – não pode ser menosprezada, particularizada ou monopolizada por nenhum dos gêneros.

Como somos cientes da diversidade de gêneros – dos quais, feminino e masculino representam apenas dois aspectos humanos –, chega mesmo a beirar a falta de senso julgarmos as emoções ou a racionalidade como pertencentes em menor ou maior proporção a um certo número de sujeitos. Como viventes racionais, nós, humanos, não perdemos a capacidade de decidir e agir por instinto ou por emoção, porém alcançamos a habilidade de conhecer e saber em nós mesmos o quanto cedemos ou não às nossas inclinações.

A consciência de si faz de cada um de nós uma singularidade. Também somos convidados a participar (agindo e interagindo) em sociedade com outras consciências **diferentes**, mas não melhores ou piores que a nossa. Não é por ser mulher que sou mais emotiva; não é por ser homem que ele é mais racional; não é por ser homossexual ativo que é mais “mandão”; não é por ser homossexual passivo que é mais frágil. Somos tais quais as habilidades e características humanamente extensivas a toda a nossa espécie nos permitem ser, e minhas decisões e ações, usualmente, refletem minha situação ou identidade humana.

TEMA 3 – EMPATIA, ANTIPATIA E APATIA: POSIÇÃO E NEUTRALIDADE DECISÓRIAS

Nossas decisões e ações no mundo são marcadas pela posição que assumimos para nós mesmos, mas também diante ou para os outros. Ao adotarmos a afetividade como meio de interação, colocamo-nos frente os demais ao menos de quatro formas possíveis, a saber: de maneira **simpática** (acolhemos com bom estado de ânimo as ações, situações ou palavras alheias); de maneira **empática** (assumimos a condição sentimental alheia para compreender e julgarmos); de maneira **antipática** (contrapomo-nos a postura ou conduta de outrem); de maneira **apática** (somos indiferentes às condutas, palavras ou emoções de terceiros).

O sentimento de empatia demanda, tal como devemos entender, uma condição psicológica em assumir afetivamente o lugar de outrem. Não é uma tarefa nada fácil eu me colocar verdadeiramente na "pele", na situação vivenciada pelo outro. Habitualmente, costumamos de maneira irrefletida dizer: "se fosse eu quem estivesse deste ou daquele jeito, eu tomaria alguma providência" ou, "olha só para aquele sujeito, se eu fosse ele, resolveria assim ou assado". Você já deve ter percebido que, nessas frases ou em outras semelhantes, não há a perspectiva do outro, somente o "eu" é quem se sobressai.

Portanto, em nenhuma das frases expostas acima há empatia, no máximo o que ocorre é um julgar o outro como inábil ou débil e, em se tratando da perspectiva do próprio sujeito que fala ("o eu"), a situação seria solucionada – lê-se nas entrelinhas que ela seria melhor.

De modo a nos colocarmos na situação de outrem, precisamos de uma capacidade afetiva em nos despojarmos (ao menos temporariamente) de nossos interesses e juízos morais, a fim de que possamos "habitar" o totalmente diferente de nós. Muitas das vezes, o receio de assumirmos a miséria do outro em nós constitui a principal barreira para esse processo e somos impedidos (por nós mesmos) de aceitar que o outro é frágil como meio de fugir da fragilidade que há em nós.

Em outras situações, nossas preconcepções nos impedem de sentirmos empatia, pois admitimos de antemão que o padecer ou a exaltação do outro não são sentimentos genuínos. Assim, quando o outro está sofrendo, costumamos

entender: “Veja, não para tanto, isso vai passar, você nem vai lembrar disso depois”, e outras tantas sentenças que nos impedem de nos compadecermos, de nos solidarizarmos com o outro em suas emoções. Se, ao contrário, o sentimento for positivo, isto é, o outro está radiante ou extasiado, costuma-se falar que: “Alguém tem que chamar este indivíduo ao mundo, dar-lhe um choque de realidade”. Tanto numa quanto em outra ação, quem julga não consegue se colocar no lugar do outro em sintonia com o que este último esteja sentido.

Sem fazer com que os problemas dos outros se tornem nosso problema, a habilidade de sentirmos empatia permite-nos compreender e partilhar afetivamente o que o outro está sentido. Como vivente humano, posso entender e, se possível, dar suporte ao outro diante da situação vivenciada. Não é incomum julgar o outro como existência coextensiva da minha consciência, porém desta forma eu nunca me permito vivenciar a experiência da alteridade como ela deve ser, a saber, como vivência com algo tão sublime em sua dignidade.

De outra maneira, relaciono-me também afetivamente quanto me contraponho a outrem, seja por sua conduta ou dizer, e está contraposição tem por motivação uma desaprovação emocional pelo outro, causando-me desprazer mediante tal situação ou pessoa. Eis que surge em mim o sentimento de antipatia. Não é correto querer atribuir qualquer fundo racional a isto, pois se trata de um afeto.

Isso não significa que nos seja lícito tomar qualquer decisão ou praticar qualquer ação motivados pela antipatia, algo que foge a explicação lógica. Pelo contrário, procurar conhecer melhor os motivos e refletir mais sobre determinado sentimento é o que pode ser mais proveitoso (tanto para o eu quanto para o outro) no processo decisório, podendo-se mediante esta reflexão reverter os juízos que antes tínhamos, quando não alicerçarmos em bases mais seguras a ação que vamos praticar.

Fora isso, nas relações que tecemos com os demais, podemos ainda agir com apatia. Para longe do senso comum, que condiciona as ações apáticas à carência de energia no agir, precisamos compreender que na apatia somos indiferentes de todo na ação que decidimos praticar. O apático é o sujeito da regra pela regra, que não se envolve emocionalmente nas ações a serem efetuadas.

Se do ponto de vista pragmático podemos até mesmo louvar este tipo de conduta – como vimos que tem raízes estoicas –, como sugerir alguma problematização sobre isso? Ora, pergunte a si mesmo, como você reagiria (ou iria se sentir) se o seu melhor amigo ficasse apático (no sentido que acabamos de propor aqui) ao você dar a notícia de que seu filho nasceu e ele seria o padrinho? O que dizer se aos prantos você dissesse à sua esposa que seu irmão morreu e ela agisse apaticamente?

Isso mesmo que você acaba de compreender, ou seja, em muitos momentos – grandes, como esses exemplificados, ou cotidianos, mas que demandam a emoção para interagirmos – a indiferença é mais perturbadora em nossas decisões do que o ódio, a vingança ou o amor. A indiferença emotiva decorrente da apatia soa, em certo aspecto, como “desumana”. Portanto, equilibrar as nossas emoções (boas e más) no processo de escolha da ação é o melhor, não só pelo aspecto harmônico que nos propicia viver em sociedade, porém na própria vivência social somos chamados a evitar a indiferença, pois, ao nos associarmos aos outros humanos, somos convocados a harmonizar nossas decisões e ações de maneira a empregar um caráter humanizado ao agir no mundo, para além de um aspecto meramente mecânico ou de eficácia pragmática na conduta a ser adotada.

TEMA 4 – “O INFERNO... SÃO OS OUTROS”: NEGAÇÃO E ADMISSÃO DO CONFLITO

Como acabamos de compreender, diante da figura do outro podemos nos relacionar com simpatia, empatia, antipatia e, até mesmo, apatia. Assim, seja qual for a perspectiva relacional que tomemos, é interessante percebermos o quanto o outro influi em nossas decisões e ações. Muitos de nós detêm uma carência tamanha em relacionar-se com outrem e jamais admitem a possibilidade da solidão seja por qual motivo for. Para outro tanto de nós humanos – numa quantia um tanto menor, é verdade –, a solidão é uma importante aliada intelectual, influenciando nossa conduta.

No entanto, como seres comunitários que somos, não podemos dispensar de todo a perspectiva de outrem. Com efeito, o outro é parte integrante do mundo, mesmo quando nos detemos na perspectiva: do meu mundo, minhas referências de valores. Não se trata apenas de um ponto de vista psicológico, pois a presença ou ausência física de outrem é necessária até mesmo para

definirmos nossa própria posição no mundo, tal como podemos verificar na definição de uma expressão comum: “Deixe-me sozinho, quero ficar comigo mesmo” ou alguma frase do mesmo gênero. Para que isso se realize efetivamente, ou seja, na prática, preciso que o outro se afaste. Desse modo, tenho que primeiro admitir a presença dele (preciso que o outro se distancie) e, novamente, na ausência dele novamente o admito como parte da “minha realidade” (preciso que ele guarde aquela distância). Ora, vemos que até para sermos sozinhos precisamos do outro.

Em sua peça teatral *Entre quatro paredes*[5], Jean Paul Sartre (1905-1980) de modo sublime nos apresenta quão importante e problemática é a realidade do outro em nossa vida. Podemos, junto a esse pensador francês do século passado, perceber que o outro sempre aparece, primeiro, de maneira conflituosa para a consciência: para o “eu”. Esta perspectiva do conflito se instaura à medida que tentamos nos definir a partir do olhar alheio. Com efeito, tentamos dirimir o conflito interno que há em todos nós, através do olhar do outro.

Desta forma, conduzimo-nos de modo a agradar para nos definirem como agradáveis, tratamos os demais com gentilizas para recebermos a alcunha de gentis, afagamos outrem para sermos reconhecidos como carinhosos etc. Esse tipo de conduta que decidimos realizar só nos leva à negação de nossa autenticidade em existir como seres unívocos e jamais alcançaremos, aos olhos dos outros, o nível de perfectibilidade em nossa conduta ou existência. Assim, quando vemos que não alcançamos, aos olhos do mundo, a definição que pretendíamos, admitimos o conflito incessante e revelamos ao nosso “eu” a compreensão mais singela: “O inferno... são os outros”[6].

Com isso, devemos primeiro compreender que não se trata de anularmos a existência alheia a fim de que possamos levar nossa existência sem nenhum tipo de conflito. Os outros são uma constante em nosso existir e agir. É uma ilusão infantil desejar viver isolado (como já vimos). Você mesmo, ao pensar ou refletir sobre o que fez, faz ou deve fazer, assume (ainda que somente de maneira psicológica) a perspectiva do outro. Somos sujeito (eu) da ação quando a praticamos, mas, quando refletimos sobre a mesma ação, aí então assumimos o lugar de objeto analisado (outro); isto de modo paradoxal, pois ambas as coisas

[5] SARTRE, J. P. **Entre quatro paredes**. Publicado com o título original *Huis clos*, em 1944. Disponível em <www.desvendandoteatro.com>.
[6] Frase da personagem Garcin na peça teatral supracitada. Cf. SARTRE, J. P. **Entre quatro paredes**. 2015.

são a mesma, porém abordada de perspectivas diferentes. Somente uma coisa permanece, a saber, o conflito que é parte inerente de nosso ser, e – o que nos leva ao segundo momento da reflexão – somos convocados a assumir nossas decisões e ações, não de modo a extinguir os paradoxos existenciais entre aquilo que **quero** realizar, aquilo que **devo** fazer e entre o que **posso** escolher, mas sim, em vistas alcançar maior clareza e evidência nas decisões que precisamos tomar, buscando sempre ser mais autêntico em nossa humanidade e nas relações com os demais.

Deste modo, entendemos que os outros são o inferno somente se procuramos nos definir a partir do ponto de vista de outrem e, com isso, buscamos extinguir o conflito de interesses e valores que nos cercam na vida inteira.

Ao contrário, quando tomamos as rédeas de nossa existência, por meio das decisões e ações que praticamos, assumimos que nosso agir é passível de erro, nossa conduta nem sempre é (por infinitas razões: econômicas, políticas, emocionais etc.) condizente com aquilo que costumamos ser habitualmente, enfim, quando reconhecemos nossa plasticidade problemática trazida à tona pela vivência diária, então somos capazes de perceber que o nosso agir é a única forma de dar sentido a nossa existência.

Dar sentido ao existir (problemático e conflituoso que são os processos da vida humana) é o real motivo em decidirmos agir e nos manifestar tal como o fazemos. Buscar dar um significado da minha existência através da perspectiva do outro é igual a negar a minha existência, que, apesar de ser conflituosa, é convocada a ser autêntica, ser escolhida por mim mesmo.

Se assim for aceito, o outro tem um importante papel nisso, não em me definir, mas em me revelar a possibilidade de um agir diferente. Na admissão ou na negação do olhar outro, que não me permito que me defina, posso reconhecer minhas qualidades e conduzir-me para aperfeiçoá-las ainda mais. Deste modo, o outro me apresenta de forma mais clara o conflito, pois tenho uma melhor percepção daquilo que é externo a mim, no sentido que ele me oferta um distanciamento crítico sobre minha existência. Se não me deixa definir por outrem, o outro me serve de guia no processo de significação de minha existência e como parceira na vivência amigável com o conflito.

TEMA 5 – A IMPORTÂNCIA DA CRÍTICA: MOTIVAÇÃO E RESSENTIMENTO

Sem nenhuma sombra de dúvidas, não é qualquer tipo de crítica que estamos aptos a acolher. No entanto, a maturidade intelectual e mesmo moral nos permite entender que adotar uma perspectiva crítica sobre todas as nossas ações e condutas, principalmente sobre nossas ideias e nossos juízos, tornam-nos – de modo geral – seres mais abertos para o diálogo e, conseguintemente, detentores do elemento necessário ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de tudo aquilo que é vivo, a saber: a capacidade de mudar; a plasticidade dinâmica de não se acomodar, e sim tornar-se cada vez mais apto e criativo nesta aventura que é a vida.

Junto ao filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), podemos vislumbrar tamanha importância que a crítica detém no processo de aperfeiçoamento humano. Por um lado, podemos e devemos alcançar por meio da crítica, tomada de maneira motivacional, elementos para nosso desenvolvimento individual. Por outro lado, a simples negação do processo crítico, sobre nós ou nosso trabalho, demonstra o quão fechados estamos em "nossas certezas" (muitas vezes infundadas), o que nos faz permanecer estagnados ou impede qualquer melhoramento que poderíamos alcançar.

Deste modo, o principal aspecto da crítica é tomá-la de modo afirmativo, isto é, como possibilidade de, a partir dela, adotarmos uma conduta que nos faça melhorar aquilo (habilidade ou capacidade) que já dispomos em nós. Assim, a crítica deve ser encarada como a avaliação sobre a conduta ou tarefa que nos propusemos a realizar. O pensamento crítico nos permite a tomada de decisões pautadas em critérios, conseguintemente as ações que decorrem desse processo são ações mais transparentes e de maior aceitação perante nossos pares.

Quando assimilamos uma crítica, sabemos distinguir o que temos de mérito na ação que realizamos ou na decisão que tomamos, na verdade também entendemos que outros aspectos carecem de melhoramento. Eis a chance de aperfeiçoarmos nosso pensar e agir. Já a simples negação de uma observação crítica feita a respeito de nossa conduta inviabiliza qualquer processo de desenvolvimento de conduta, pois costumamos pensar: "Se não concordo com as sugestões ou orientações a respeito de minhas ações e tarefas, então não

preciso mudar em nada, posso continuar executando-as exatamente como o faço até agora".

A grosso modo, entendemos que,, diante do senso comum, por trás de toda negação da crítica existe um sentimento de ressentimento[7]. Tal sentimento, segundo Nietzsche (1998), é paradoxal, pois ora não admitimos que outros nos avaliem devido nossa avaliação de que somos superiores (intelectual ou moralmente) a eles, ora não aceitamos suas análises críticas, porque lhe somos inferiores e, portanto, deveriam ter em mente nossa condição antes de nos criticar. E agora, como sair desse paradoxo?

Outra perspectiva se apresenta a nós quando adotamos uma postura ou conduta madura na qual, mediante a crítica, distinguimos o que é próprio da ação ou tarefa executa por nós e o que é próprio da nossa personalidade. Assim, uma coisa é aquilo que somos, outra coisa diferente – apesar de decorrer da primeira – é aquilo que fazemos, o que pode ser expresso do seguinte modo: "Eu sou, já a minha ação ou tarefa não é, mas ela se realiza através de minha conduta". Tal postura madura me permite entender que as críticas sobre o que eu realizo não se dirigem a mim, e, da mesma forma, as críticas que realizo não são em função do outro; sou criticado ou crítico a partir de uma ação ou tarefa realizada, e isto diz respeito à ação, não à pessoa.

Nesse sentido, não há crítica positiva ou crítica negativa. O que ocorre é que há casos em que analisamos a partir de critérios objetivos preestabelecidos, e isso é análise crítica propriamente dita. Esta, por sua vez, como vimos, almeja o aperfeiçoamento da conduta e da ação. Ao contrário, uma crítica pautada em critérios subjetivos, sobretudo, não definidos previamente, fazem com que a análise crítica seja de pouca valia ou de má qualidade, se é que ainda podemos falar de uma crítica sem critérios válidos objetivamente.

Portanto, se de fato almejamos nos aperfeiçoar naquilo que já executamos bem, ou ainda desenvolvermos corretamente e melhorar nossa conduta diante de alguma tarefa ou situação: devemos ser críticos para conosco

[7] Na filosofia nietzschiana, o ressentimento (GM I, 10) é próprio da moral do rebanho ou de escravo, isto é, dos sujeitos gregários que não detêm a força moral para se assenhorar das ações, ao contrário, admitem queixosamente com lamúrias ou engodos, a moral do senhor. Com efeito, como não são capazes de fazer imperar sua vontade, pois ela é débil, mediante a moral contrária, os sujeitos do rebanho se ressentem com uma moralidade superior, procurando minar de todas as formas o que é excelente ou deve tornar-se um bem. Cf. Nietzsche. F. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

mesmos e frente a qualquer outro indivíduo o qual esperamos afetar de modo válido e lícito com nossa análise crítica.

Leitura obrigatória

Capítulo V, intitulado *Adulto em férias*. In: CORTELLA, M.; TAILLE, Y. *Nos labirintos da moral*. ePub: Papirus 7 Mares. 2009. Disponível na biblioteca digital Uninter.

Saiba mais

O significa ser frágil? Podemos contestar o papel legado à mulher pela sociedade ocidental, tendo por base os dados demonstrados em pesquisas e no cotidiano de nossas vidas?

Assista a um trecho de entrevista da cantora afroamericana Nina Simone, no documentário *What Happened, Miss Simone?* (Dir. de Liz Garbus, EUA, 2015). Nele, a cantora negra referenda a ideia de liberdade ao sentimento amoroso e em oposição ao medo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZF9j4lMoSQk>. Acesso em: 22 jan. 2018.

TROCANDO IDEIAS

Considerando os textos proposto no tema 1 e no tema 4 (“O papel das paixões no processo ético” e “O inferno... são os outros”*: negação e admissão do conflito*, respectivamente) desta aula, podemos observar que ambos afirmam que junto da razão que compõe as instâncias das faculdades humanas, também a emotividade nos define e identifica como seres humanos, independentemente de nosso gênero ou etnia. Com maior ou menor destaque frente à racionalidade (a depender da filosofia adotada na análise), nossas paixões terminam por apresentar de modo ímpar aquilo que somos e pensamos em relação a nós mesmos, porém, de modo mais significativo, a maneira como interagimos com os outros. A interação emotiva consigo próprio e com os demais influencia, em muito, a postura e a conduta do indivíduo no espaço em que convive. Portanto, o lugar do trabalho junto com as interações situacionais com pessoas e afazeres é um lugar propício para o autoconhecimento (visando o cuidado de si) e desenvolvimento social (enquanto criação e fundamentação do convívio profícuo), permitindo assim contribuir, de uma forma mais abrangente e menos imperativa, para a formação humana do indivíduo com reflexo direto na

sociedade, na qual ele é convidado a ser um agente ético nos ambientes em que circula.

Diante disso, reflita sobre as seguintes questões:

- Como você tem considerado as características éticas necessárias de uma equipe de trabalho?
- A escola reconhece a diversidade e o protagonismo desses indivíduos que detêm uma bagagem histórico cultural própria?
- Reconhecer o indivíduo em sua especificidade, como o gestor, que detém a habilidade de liderança e coordenação de equipe, pode promover tanto o respeito como a valoração positiva da interação com o outro?

Considerando as questões acima, após assistir ao vídeo e fazer as leituras dos textos propostos, discuta o que vocês já têm feito e quais são as possibilidades de melhorar as ações relacionadas a essa questão.

Lembre-se de interagir com pelo menos dois outros colegas.

NA PRÁTICA

Considere que você acaba de ser promovido para supervisionar sua antiga equipe de trabalho. A primeira tarefa que lhe deram trata-se de encontrar alguém para seu antigo cargo, o que acarretará uma promoção para o sujeito que você indicar. Considerando todas as pessoas que poderiam lhe substituir com o mesmo desempenho nas funções, as suas opções recaem sobre dois sujeitos: a. aquele é considerado “o gente boa” que ajuda todo mundo, porém sempre exige mais tempo para realizar o que lhe ordenar, pois acumula afazeres seus e alheios; b. o outro é considerado “o caxias” e obedece somente ao que lhe é pedido e conforme suas atribuições rigorosamente determinadas, apesar de não falhar, porém não apresenta nenhuma motivação com o que faz.

a. Qual dos dois você indicaria para lhe substituir e para você supervisionar?
b. Explique sua decisão apontado os elementos positivos e negativos que analisou em ambos.
c. E se acaso tivesse que decidir pela demissão de algum deles, você utilizaria os mesmos critérios?

FINALIZANDO

A presente aula teve o desafiante objetivo de propiciar uma reflexão sobre quais elementos compõem o campo processual decisório do ser humano e, por meio deste, quais ações são passíveis de análise e determinação ética. Você pôde observar que o agir humano é dotado de emoções juntamente com a razão (racionalidade), e ambos compõem o processo decisório, restando-nos aprofundar criticamente os critérios que nos permitam julgar e praticar nossas ações junto a todos os grupos étnicos que compõem nossa teia relacional.

REFERÊNCIAS

CORTELLA, M.; TAILLE, Y. **Nos labirintos da moral**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2009. Epub.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

GAZOLLA, R. **O ofício do filósofo estoico**. São Paulo: Loyola. 1999.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SARTRE, J. P. **Entre quatro paredes**. Disponível em: <www.desvendandoteatro.com/downloads.htm>. Acesso em: 27 set. 2015.

SPINOZA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.